

A VERTENTE ROMÂNTICA NA PSICOLOGIA JUNGUIANA

ZILDA MARENCO PIACENTI GORRESIO

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mostrar a vertente romântica do pensamento junguiano, comparando as noções de Inconsciente e Individuação com o sentido de Natureza e de Consciência, respectivamente, no Romantismo alemão.

Abstract: The purpose of this work is to show the Romantic character of the junguian thought comparing the notions of the Unconscious and Individuation with the sense of Nature and the conception of Consciousness, respectively, in the German Romantism.

Palavras-chave: romantismo, inconsciente, consciência, destinação
romanticism, unconscious, consciousness, destinations

*A consciência é a revelação do infinito no finito, a tensão entre o finito de dentro (enquanto eu) e um infinito exterior (enquanto universo), o todo transposto no espaço de uma tensão íntima.*¹ (Henrich Steffens)

São nítidas para os leitores de C. G. Jung² as abundantes fontes da história do pensamento filosófico a que o autor se refere em sua obra. Serve-se das mais variadas fontes das mais variadas épocas para argumentar, ilustrar ou traçar paralelos sobre suas observações dos fenômenos psíquicos. A

Zilda Marengo Piacenti Gorresio é psicóloga junguiana e mestre em Filosofia pela PUC-SP, Brasil.

1. STEFFENS, H. **Grundzüge der philosophischen Naturwissenschaft**. Berlin: 1806, pág. 202. Citado por G. GUSDORF in **Le Romantisme II**. Pág. 37, nº 5. Henrich Steffens é filósofo e amigo contemporâneo de Schelling, professor de Filosofia em Iena em 1804.

2. Utilizamos as obras completas de C. G. JUNG. **The Collected Works** (abreviada **CW**), traduzidas do alemão por R. F. C. Hull e editado por Hebert, M. Fordham, M. D., M. R. C. P., e Gehard Adler, Ph. D. XX, vols. 1-20. 2ª ed. 1970. London: Princenton Univ. Press-e Routledges, 1993. As referências bibliográficas dos artigos inseridos nos volumes 1-20 aqui citados e serão especificadas: **CW**, número do volume e parágrafo. Assim, **CW 5: Symbols of Transformation**; **CW 9: The Archetypes and the Colletive Unconscious**.

título de exemplo, recordamos como o gnosticismo e o neo-platonismo (Plotino, Vico e Ficino) são fontes privilegiadas às quais a psicologia analítica recorre para explicar novos modelos de psique. Uma outra referência é, indubitavelmente, a corrente filosófica referente ao Romantismo Alemão, influência importante para a concepção de Inconsciente e de Individualização, assunto que iremos abordar e que é fundamental termos em conta.

A afinidade de Jung com o Romantismo pode ser vista em todos os aspectos de sua obra: na reabilitação da intuição e imaginação; na preocupação com os símbolos, arquétipos e o mundo dos sonhos e das fantasias; na afirmação de que a arte é criada a partir da profundidade do Inconsciente; na compreensão das raízes e relacionamento do homem com a natureza. Ainda, segundo J. J. Clarke, em seu livro **Em busca de Jung (indagações históricas e filosóficas)**:

...Jung ...contestou a hegemonia do racionalismo científico, com sua concepção mecanicista de mente e natureza, e procurou formular uma cosmologia mais ampla que pudesse render a devida justiça ao papel do espírito e integrá-lo em uma filosofia não dualista.³

Se voltarmos os olhos à Grécia arcaica, veremos que os sábios e os filósofos elaboraram um modelo do Cosmos em que prevaleceu a correspondência entre o microcosmo humano e o macrocosmo divino. Esse esquema, obra prima da inteligibilidade humana, teve autoridade no Ocidente até sua ruptura instalada pela afirmação da natureza como *res extensa*, juntamente com as primeiras experimentações. Ao seu modo, pode-se dizer que o Romantismo retomou a Grécia ao tentar restaurar a tradição milenar do cosmos grego no seu sentido estético-divino.

O pensamento romântico pensou o homem e seu relacionamento com a natureza de modo diverso do racionalismo, recolocando-o, como fizeram os gregos, como parte do macrocosmo. Para os românticos, o homem não se reduz à consciência clara, mas é, nas palavras de Gusdorf, "...um complexo de matéria e espírito, e é parte integrante da *omnitudo realitatis*, em comunicação com o organismo total da natureza...."⁴. A nova filosofia da

3. CLARKE, J. J. **Em busca de Jung** (indagações históricas e filosóficas). Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1993, pág. 86.

4. GUSDORF, G. **Le Romantisme II**. Paris: Payot & Rivages, 1993. Pág 143.

natureza romântica põe em obra um ‘monismo psicobiológico para a compreensão do homem que, por sua vez, é parte integrante de uma realidade maior que o ultrapassa, a Natureza. Diz-nos Novalis que “...Nós estamos em relação com todas as partes do universo...”⁵. Ou, ainda como interpretou Gusdorf, “O objeto da *Naturphilosophie* é colocar em evidência esse organismo total da natureza, no seio do qual se desenvolvem os organismos particulares.”⁶

Essa idéia de mundo, como uma totalidade viva e orgânica ou como um organismo, é a tônica diferencial do Romantismo, pois até mesmo a compreensão mecanicista do mundo pensou a relação parte e todo, porém de maneira formal, isto é, como produto do pensamento. A totalidade, esse grande organismo ou sistema, e a sua visão, é o princípio vital ou ontológico abrangendo o sentido grego de *theós* que, como observa Henrique G. Murachco sobre a palavra *theós* “... é uma projeção, uma idéia, uma visão pela mente. É um predicado e não um sujeito. É uma visão individual na relação ideal...”⁷.

Ressalto o sentido etimológico de visão, pois como comenta Schelling “...Idéia é visão e de tal modo que contém tanto a visão em si mesma como o que, na visão, se ultrapassa.”⁸ Ou ainda que “...O verdadeiro sistema não pode ser inventado, pode apenas ser encontrado enquanto um sistema em si; a saber, no entendimento divino, já existente”.⁹

A organicidade da totalidade está marcada, também, pelo elo indissolúvel entre o todo e as partes e ao seu pertencimento irrevogável. Como disse Schelling à respeito do elo indissolúvel, “...um membro vive e morre com o outro e acha-se a ele ligado por um elo indissolúvel”.¹⁰ Se o real é como um organismo para os românticos, a tônica do movimento romântico é a busca da unidade, do sentido do infinito, do absoluto. O Romantismo

5. NOVALIS. **Grans de pollen**, pág. 92, trad. Bianquis: Aubier, 1947, págs. 73-75. apud GUSDORF, *op.cit.* pág. 146.

6. *Op. cit.* pág.147.

7. MURACHCO, G.Henrique. “A noção de Theós”. In: Rev. **Hypnos** nº 1. S. Paulo: Educ-Palas Athena, 1996, pág. 75.

8. SCHELLING. **Philosophie der Offenbarung**. Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuck, 1977, pág. 184, apud Marcia de S. C. SCHUNBACK em **O começo de Deus**, 1997, pág. 129.

9. *Idem, ibidem.*

10. SCHELLING. **Initia Philosophiae Universiae**. Bonn: H. Bouvier u.c.º1969, pág.1, apud Marcia S. C. SCHUNBACK, *op. cit.*, pág. 129.

assentou-se na História da Filosofia como o pensamento que aspira à superação de todo dualismo e à integração dos opostos, enquanto luta dos contrários, enquanto uno em si mesmo e diverso, enquanto “universo”. Podemos dizer que, assim como para o Romantismo, formular uma visão unificada de mundo em que a dualidade espírito e natureza, psique e corpo foram pensadas como unidade de contrários, também o foi para Jung. Grande foi a contribuição junguiana para a Psicologia nesse sentido, ao apresentar uma concepção mais ampla de Inconsciente que a de Freud, – o Inconsciente coletivo –, em que os opostos são novamente integrados à margem da concepção dualista.

Para Jung, a psique não se reduz apenas à razão clara, consciente, egóica, nem tampouco ao Inconsciente pessoal, já descrito por Freud. Para ele, o ser humano é uma unidade de matéria e espírito, de consciente e inconsciente e de corpo e alma. Psique inconsciente, ou inconsciente coletivo, carrega para Jung o sentido de “Alma do Mundo”, como pensou a tradição filosófica e como, à sua maneira, retomou o Romantismo. Assim, podemos ler nesse trecho de sua obra **Arquétipos e Inconsciente Coletivo**:

...O inconsciente coletivo é de maneira inesperada, um espaço sem limite pleno de indeterminação espantosa, que parece não ter interior nem exterior (...) é o mundo da água onde paira, suspenso, tudo o que é vivente, onde começa o reino do “simpático”, “alma de tudo o que vive” (...) O inconsciente coletivo é tudo salvo um sistema pessoal fechado, é uma objetividade vasta como o mundo e aberta ao mundo inteiro.¹¹ (grifo nosso)

Em trecho de outra obra, **Seminário das Visões**, Jung expressa a idéia do Inconsciente como organismo, como princípio vital e ontológico, como abordado acima. Diz ele :

...Enquanto o não-ego (inconsciente) parece ser oposto a nós, naturalmente o sentimos como um oposto, mas depois entenderemos que o inconsciente coletivo é como um vasto oceano, com o ego flutuando sobre ele como um pequeno barco. Então, quando vemos isto, surge a questão se estamos contidos no oceano.(...) os peixes são unidades vivas no oceano; eles não são absolutamente como ele, mas estão contidos nele; seus corpos, suas funções, estão maravilhosamente adaptados à natureza da água, a água e o peixe formam um

11. JUNG, C. G. **CW**, 9, Parte I, págs. 45 e 46.

“continuum” vivente.(...). Quando aceitamos este ponto de vista temos que supor que a vida é realmente um “continuum” e destinado a ser como é, isto é, toda uma tessitura na qual as coisas vivem com ou por meio uma da outra. Assim, árvores não podem existir sem animais, ou animais sem plantas, e talvez animais não possam ser sem o homem, ou o homem sem animais e plantas, e assim por diante. E sendo a coisa inteira uma tessitura, não é de admirar que todas suas partes funcionem juntas (...) porque são parte de um “continuum” vivo.¹²

Nessa descrição do inconsciente está implicada a idéia de um todo orgânico, de um grande sistema, ou de um fundamento ontológico que diz respeito a cada ser individual, onde nos movemos, vivemos e temos nosso ser. Traz a idéia de que entre a vida do grande todo e a vida humana existe uma relação de pertencimento. Jung reúne, assim, o indivíduo e o mundo. Ambos são integrantes de um só e mesmo todo, isto é, todos os seres e a vida humana fazem parte uma grande tessitura indissolivelmente interligada. Essa idéia exprime que as coisas são em conjunto, e evidencia a qualidade do Inconsciente Coletivo como organismo: “nós estamos na psique e não ela em nós”.

Face ao materialismo científico de nossos dias, o Romantismo, bem como a Psicologia Junguiana diretamente influenciada por ele, mantiveram a visão de uma inteligibilidade global do mundo capaz de garantir a compreensão do destino humano e o sentido de sua existência, bem como do desenvolvimento da sua consciência. A importância dessa visão para a Psicologia é a de dar substância ao indivíduo, pois a experiência de si mesmo não é a de um ponto no vazio; a consciência não é um instante que se evanece. O homem romântico, ao recolocar-se como parte de um todo vital, divino, infinito e em constante devir, compreende que a consciência é a emergência ou o florescimento do grande desenho cosmobiológico, substrato inconsciente do ser que se faz notar em nós pelo pressentimento que temos de algo maior que nos ultrapassa e que, de alguma forma nos determina.

Segundo G. Gusdorf, a tese central dessa concepção romântica da consciência é

....que a consciência não é homóloga à alma. Essa última possui expansão igual àquela do universo;... ela emerge, de lugares privilegiados, das profundezas onde

12. JUNG, C. G. **The Visions Seminars**. Zürich-Switzerland: Spring Publications, 1976, pág. 180.

a vida consciente desdobra-se sem consciência da vida.¹³ Ou ainda, como nos diz Jung a respeito da consciência, “...A alma não é de hoje; sua idade conta muitos milhões de anos. A consciência individual é apenas a flor e a fruta própria da estação, que se desenvolveu a partir do perene rizoma subterrâneo,...pois a trama das raízes é mãe de todas as coisas.¹⁴

A realidade da consciência humana encontra-se presa num contexto imposto pela solidariedade do momento cósmico, encarnado num dever sem fim; essa encarnação condiciona seu acesso ao mundo e a si-mesmo. Cada indivíduo encontra-se imerso no fluxo das forças criadoras que regem o misterioso dever do Cosmos. Diz, ainda, GUSDORF:

A consciência é expressão de uma vida unitária que se manifesta a todos os instantes da existência... Assim, nossa consciência não define um começo radical; ela demarca um momento no curso dessa prodigiosa evolução criadora, grande eixo segundo o qual se ordena a aparição dos seres e das formas no seio do organismo do universo.¹⁵

A participação consciente do homem nesse misterioso dever do Cosmos é o que Jung denominou processo de Individuação, em que cada homem vem a ser o que é no seu dever singular. O dever de si mesmo é movimento de busca e conquista como sentido de ser. Desta maneira, tal experiência revela o fundamento ontológico, o “outro de si mesmo”. Podemos dizer que, enquanto o Todo se realiza no ato da expressão de si mesmo, no seu misterioso dever ao individuar-se em cada singularidade, por sua vez o homem, ao individuar-se, toma consciência do seu fundamento, logo, da sua natureza cósmica. Portanto, a consciência, constituída em aliança com o todo, encontra no homem a possibilidade da expressão dessa grande vida cósmica. A consciência humana é o florescimento próprio de uma estação, é o espelho de um momento cósmico. Ela é a busca do sentido de ser, ou como diz Jung, a individuação se dá sob o signo da contradição e na busca da perfeita unidade dos opostos, entre dia e noite, absoluto e condicionado, necessidade e liberdade, finito e infinito, masculino e feminino, velho e jovem...

A consciência assim compreendida propõe ao homem o mistério de sua presença no todo como realidade substancial, realidade esta exposta

13. GUSDORF, G. *op.cit.*, pág. 160.

14. JUNG, C.G. **CW** 5, pág. XXIV.

15. *Op. cit.*, págs. 331-332.

pelo relacionamento intrínseco com o histórico e o cósmico do qual é parte. Ela não é uma página em branco que se constitui a partir das impressões sensíveis vindas da exterioridade, nem é o lugar vazio onde se inscrevem as informações captadas pelos órgãos dos sentidos e que se repetem como eco. Não se reduz, tampouco, ao sujeito do conhecimento, ao Eu transcendental ou sujeito cognoscente, centro de julgamentos válidos e que, no entanto, é princípio abstrato, sujeito “desencarnado”.

Os românticos propõem-se, portanto, a pergunta: o que é o *Selbst*? Partem em busca de um novo centro ontológico e antropológico. Este será o centro que se situa no coração espiritual de cada ser humano. Centro de convergência do “fora” e do “dentro”, espaço da imaginação criativa, é a expressão da reunião do espírito e da matéria e onde o microcosmo, que é o homem, une-se ao macrocosmo, que é o Divino ou a Natureza, e que define a eternidade da nossa consciência.

Herdeiro do Romantismo, Jung propõe, também, uma nova subjetividade em que o macrocosmo e o microcosmo estão no coração espiritual de cada homem, conferindo à identidade humana a especificidade da sua individualidade, como ser único que é, enquanto participante e pertencente à unidade Cósmica na qual se insere, o que lhe restitui o sentimento de unidade com o divino que o funda. O *Self*, assim denominado por Jung como “a personalidade verdadeira”, é o novo centro ontológico que deve ser buscado fora do espaço-tempo fenomenal, é instância transempírica, intrínseca a cada ser humano. O *Self*, fundamento da individualidade, é ontológico e ao mesmo tempo antropológico, dado no começo do começo.

Jung soube e demonstrou, através dos sonhos e dos fenômenos de sincronicidade, que o homem é parte da totalidade que o ultrapassa. Compreende o homem como luz e sombra, cuja consciência clara flutua sobre as profundezas obscuras do Inconsciente ou Natureza, de onde emanam os impulsos, as polaridades e a fascinação. Isto leva-o a explorar a zona limite entre o finito e o infinito, entre o limitado e o ilimitado. Considera que todo homem é dotado de um livre acesso à totalidade do ser, ou em linguagem psicológica, toda consciência sempre comporta riscos e perigos, mas também salvação. Conforme Gusdorf, “...O homem romântico está em falso sobre o abismo do Ser (*Ungrund*); a imagem do dançarino na corda é comum... a Nietzsche.¹⁶

16. GUSDORF, G. *op. cit.* pág. 317.

Essa nova compreensão antropológica, que inclui as profundezas inconscientes, como fundamento da consciência do ser humano, o que em linguagem da psicologia junguiana é chamado de Inconsciente coletivo, abre a questão de que somente a clara razão não basta para guiar-nos em nossa “via excêntrica”, vale dizer, na busca do nosso sentido de vida enquanto realização de completude – ou individuação, como denominou Jung. Como a luz da consciência flutua sobre o abismo do ser, o homem deverá, na busca do sentido e da realização da existência, deixar-se guiar além da razão, pela Natureza que nos fala através de símbolos. A submissão às suas prescrições, mesmo dentro de incertezas, é como se apresenta a nós o sentido de nossa própria vida; encontramos sua fonte e os recursos para orientar-nos através de seus obscuros traçados, na inteligibilidade dos sinais, do que se percebe como “espaço de dentro” o qual intervém como um guia interior e escapa às conceituações do entendimento lógico-argumentativo.

Mas, então perguntaríamos: como a natureza nos dirige, como envia sinais?

Para Jung, é a partir da redescoberta da linguagem simbólica, aquela que se dá através da imaginação criativa e dos sonhos, que a natureza nos fala, e de uma maneira muito mais “inteligente” do que nosso pensamento reflexivo. Jung entende os sonhos, os mitos e imaginação criativa como linguagens da própria natureza. Ora, se ela nos fala de maneira inteligente é porque ela só pode ser uma realidade vital dotada de sentido e finalidade. Disso decorre a possibilidade de o homem apreender seus sinais e conferir-lhes sentido, pois que está inserido no próprio sentido da totalidade. A natureza assim compreendida remete-nos àquela tão antiga imagem do divino como ordem da natureza, ou como harmonia pré-estabelecida do mundo, ou como “Alma do Mundo”¹⁷. Como diria Schelling invocando os físicos pré-socráticos e a cosmologia tradicional, nas quais ele descobre o pressentimento de uma verdade permanente:

...Essa idéia é tão antiga e se manteve sob formas as mais variadas até nossos dias de uma forma tão constante... que se é obrigado a supor que há no próprio espírito humano uma razão para essa crença de vida da natureza.¹⁸

Nós diríamos que essa verdade permanente, que subjaz a essa tão antiga idéia de ordem do mundo ou Alma do Mundo, é o que Jung re-descobriu

17. Como Platão e os antigos estóicos pensaram, por exemplo.

18. SCHELLING, F. W. J. **Idées pour une philosophie de la nature**; 1797. Trad. S. Jankelevitch, Aubier, 1946, G. GUSDORF, pág. 85. apud **Essais** . *op.cit.* pág. 471, nº 30.

empiricamente, através do material dos sonhos, dos delírios psicóticos e dos fenômenos de sincronicidade, renomeando-a Inconsciente Coletivo. Assim, podemos ver, claramente, a vertente romântica de Jung nessa nova compreensão da subjetividade, em que o microcosmo e o macrocosmo se unem no coração espiritual do homem, centro da convergência do “fora” e do “dentro”, espaço da imaginação criativa, conferindo à identidade humana a excentricidade da sua individualidade enquanto participante e pertencente a algo que a transcende, e que tanto pode ser sua salvação como sua destruição. Como diz Hölderlin: “Deus perto está/Difícil de captar/Mas onde há perigo, cresce o que salva também.”¹⁹

Assim sendo, o desenvolvimento da consciência do homem ou sua individuação - sua “via excêntrica” como diz Hölderlin – trata-se de um caminho, de uma via que está longe de ser retilínea; é aquela que se sabe de onde vem e para onde tende. Trata-se de uma experiência grave, pois nunca se alcança para onde a completude nos leva, apesar de sabermos que somos levados. Ao homem resta, apenas, seguir o caminho imprevisível e inaudito de sua completude. Poderíamos dizer que o excêntrico da via está, fundamentalmente, no desnorreamento do descentramento. A via excêntrica é a eterna viagem do homem para sua realização, um aviar-se para a totalidade através da compreensão e da fidelidade para com os sinais que a natureza lhe envia.

Cabe salientar, no entanto, que o mais decisivo quando falamos de caminho, de via como metáfora da realização da totalidade do homem, não é este o solo, mas sim, o céu. A imagem de Hipérion, *Hipérion*, em grego, quer dizer “o sol acima”, o que está no alto. No **Hino à liberdade** de F. Hölderlin, Hipérion aparece nesse sentido, como podemos ler:

Ao inclinardes vossas cabeças para as estrelas pálidas brilha Hipérion, em seu curso heróico.²⁰

Além disso, Hipérion, filho de Urano e de Gaia, reúne em si o alto e o baixo, Céu e Terra, seus pais. Hipérion é, segundo a **Teogonia** de Hesíodo (vv. 371,372,373,374), um Titã, pai de Hélio, Selene e Aurora, respectivamente Sol, Lua e Aurora, podemos dizer, da força da claridade.

19. HÖLDERLIN, J.C.F. **His Poems**. Trad. Michael Hamburger. London and New York: 1952. *apud* C. G. JUNG, **CW 5**, pág. 407.

20. *apud*, F. **Hipérion**, trad. Marcia C. de Sá Cavalcante. Petrópolis: RJ. Vozes, 1994, págs. 11-12.

Portanto, Hipérion não é somente o sol acima em sua claridade, que cumpre a via excêntrica da existência emitindo os sinais (Individuação), mas é o que caminha no alto, o que está acima da consciência humana, como considera a tradutora M. S. Schuback:

...enuncia a transcendência não como uma outra região ontológica, dotada de outra dignidade e valor, mas como a visão dinâmica do caminhante, que, sem saber previamente o caminho, só encontra no céu os sinais de sua orientação.²¹

A individuação, ou nossa via excêntrica, esse caminho que só se desvela caminhando, nele não estamos sós, temos o céu e as estrelas como norteamento e orientação; ou, do ponto de vista da psicologia junguiana, temos o Inconsciente como guia, aquele “espaço” imenso que se descortina diante dos olhos enviando sinais para o viajante que se aventura, sem saber, previamente, onde terá que chegar.

BIBLIOGRAFIA

- CLARKE, J. J. **Em Busca de Jung (Indagações históricas e Filosóficas)**. Trad. Ruy Jungmann. São Paulo: Ediouro, 1993.
- GUSDORF, Georg. **Le Romantisme I e II**. Paris: Ed. Payot & Rivages, 1993
- HESÍODO. **Teogonia**. Trad. Torrano Jaa. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1995.
- HÖLDERLIN, J. C. F. **Hipérion**, trad. Marcia C. de Sá. Petrópolis: RJ, Vozes, 1993.
- JUNG C. G. **The Visions Seminars**. Zürich – Switzerland, Spring Publications, 1976.
- MURACHCO, G. H. “A noção de Théos”, **HYPNOS 1**. São Paulo: Ed.Educ/ Palas Athena, 1996.
- SCHUBACK, Marcia Sá. **O começo de deus: A filosofia do devir no pensamento tardio de F. W. J. Schelling**. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 1997.

21. *Idem, ibidem*; pág. 12.